

RIGOR FORMAL E CONTRADIÇÕES EM “O MISTÉRIO DE MARIE ROGÊT”, DE EDGAR ALLAN POE

Fabiana de Lacerda Vilaço¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre “O Mistério de Marie Rogêt” (“The Mystery of Marie Rogêt”), o segundo conto de detetive do escritor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849). No levantamento de suas hipóteses de explicação para o crime, o detetive Dupin incorre em contradições e incoerências muito graves, de forma semelhante ao que ocorre com os jornais que ele critica pela mesma razão. Tais contradições suscitam questões de análise de grande interesse para o estudo da própria forma do conto de detetive, então recentemente surgida, especialmente se forem consideradas suas relações com o contexto histórico de produção do conto.

PALAVRAS-CHAVE: contradição; detetive; Edgar Allan Poe; investigação; jornal.

ABSTRACT: The objective of this article is to reflect about “The Mystery of Marie Rogêt”, the second detective story by the North American writer Edgar Allan Poe (1809-1849). While designing hypothesis to elucidate the crime, the detective Dupin falls into serious contradictions and incoherence, similarly to what occurs with the periodicals which he criticizes for the same reason. Such contradictions raise analytical questions of huge interest for the study of the form of the detective short story, then recently originated, especially if considered their relations with the short story’s historical context of production.

KEY WORDS: contradiction; detective; Edgar Allan Poe; investigation; periodical.

Em um exercício interpretativo que tenha como objeto de estudo alguma obra de Edgar Allan Poe, o tema do rigor formal é praticamente inescapável. O escritor dedicou boa parte de sua produção crítica à intensa defesa da importância de determinados princípios que caracterizariam uma boa obra, o que lhe rendeu tanto conflitos com escritores seus contemporâneos quanto o reconhecimento pela sua contribuição à reflexão sobre o fazer literário.

Um dos princípios mais essenciais para Poe era a unidade de efeito e de sentido. Em uma resenha sobre o livro *Twice-told tales*, de Nathaniel Hawthorne, Poe afirma que “em toda a composição não deve haver nenhuma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não seja o plano pré-estabelecido.”² (POE, 1985a, p. 572). No famoso artigo “A Filosofia da Composição”, Poe muito enfaticamente defende que “nada é mais claro do que todas as intrigas, dignas desse nome, ser elaboradas em relação ao epílogo antes que se tente qualquer

¹ Mestre e Doutoranda, Universidade de São Paulo. Pesquisa realizada com apoio da CAPES. E-mail: fabianavilaco@usp.br.

² No original: “In the whole composition there should be no word written, of which the tendency, direct or indirect, is not to be the one preestablished design”. Tradução nossa.

coisa com a caneta.³ (POE, 1997, p. 911), e ainda compara a rigidez formal de uma obra à precisão de um problema matemático. Em resenha escrita sobre um poeta inglês, Poe define enredo da seguinte maneira: “enredo, propriamente definido, é aquilo de que nenhuma parte pode ser deslocada sem arruinar o todo. Pode ser descrito como um prédio tão dependentemente construído, que mudar a posição de um simples tijolo é destruir toda a construção.”⁴ (POE, 1985a, p. 148). Poderíamos citar ainda diversos outros trechos de artigos, resenhas e até mesmo cartas em que o escritor declara com ênfase semelhante a necessidade da atenção ao rigor formal em uma obra literária digna do nome.

O rigor formal — ou mesmo a deliberada opção pela sua transgressão — é um aspecto muito importante da obra literária, e por isso sua relevância para o exercício crítico é grande. Segundo Theodor Adorno, ele está intimamente ligado ao significado profundo da obra, ou ao que ele chama de caráter enigmático da obra de arte. (ADORNO, 1970, p. 186). Isso leva a uma primeira questão que se impõe para a interpretação do conto que é objeto de estudo deste trabalho. O rigor se manifesta, neste e nos outros contos de detetive de Edgar Allan Poe, tanto no nível formal quanto no enredo, no exercício do trabalho de Dupin, o detetive dessas histórias; no entanto, em seu processo investigativo, esse personagem incorre em contradições realmente sérias, especialmente no conto estudado aqui. É justamente na configuração dessas contradições, que são como dissonâncias em diversos níveis de leitura do conto, que se encontra um material importantíssimo para reflexão sobre esse conto. Ele inevitavelmente questiona a própria possibilidade do rigor no trabalho do detetive, que seria o de atribuir um nexa a uma realidade fragmentada. É no estudo de tais contradições que vamos focar a partir deste momento.

“O Mistério de Marie Rogêt” foi publicado pela primeira vez na revista nova-iorquina *Snowden’s Ladies’ Companion*, dividido em três partes, publicadas respectivamente em novembro e dezembro de 1842 e em fevereiro de 1843. Foi o segundo conto de detetive escrito por Edgar Allan Poe. A história se passa em Paris, assim como no primeiro conto de detetive de Poe (“Os Assassinos na Rua Morgue”, publicado em 1841), e é narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem que nunca é nomeado e que é um amigo do

³ No original: “Nothing is more clear than that every plot, worth the name, must be elaborated to its ‘denouement’ before anything else be attempted with the pen” (POE, 1985a, p. 13).

⁴ No original: “Plot, properly defined, is that which no part can be displaced without ruin to the whole. It may be described as a building so dependently constructed, that to change the position of a single brick is to overthrow the entire fabric”. Tradução nossa.

detetive, o Chevalier C. Auguste Dupin, que o acompanha e também o ajuda na investigação do crime.

O conto narra a investigação da autoria do cruel assassinato de uma moça chamada Marie Rogêt, que trabalhava em uma perfumaria da cidade. Dupin recebe um convite de G., o chefe de polícia, para ajudar na investigação — convite esse decorrente de seu sucesso no esclarecimento das mortes na rua Morgue. A princípio, Dupin recusa o pedido, mas muda de ideia diante de uma proposta feita por G., cuja natureza não é revelada ao leitor. O amigo de Dupin, que narra a história, pesquisa uma grande quantidade de material jornalístico sobre o caso, o qual Dupin analisa detalhadamente no conto. A narrativa é interrompida quando Dupin, depois de ter levantado algumas suspeitas, afirma que já sabe como dar prosseguimento à investigação até então realizada pela polícia e como solucionar o caso; porém, contrariando toda a expectativa criada pela narrativa, a solução propriamente dita não é apresentada ao leitor. O conto se encerra com algumas considerações do narrador, de caráter teórico, acerca de relações entre o caso ali narrado e o caso de um assassinato real, do Cálculo das Probabilidades e do engano das pessoas em geral ao buscarem a verdade em detalhes.

Os três contos de detetive de Poe formam, junto a “O Homem da Multidão”, o grupo de *city tales* do escritor, nas palavras da crítica Amy Gilman Srebnick. Segundo ela, esses contos têm uma grande importância:

... os contos urbanos de Poe levantam importantes questões literárias, e indiretamente culturais, sobre o desenvolvimento do mistério como um gênero, o significado do detetive como um herói moderno, o uso de melodrama e enigmas e, talvez mais notável e graficamente, a descrição do corpo feminino atomizado na ficção moderna. (SREBNICK, 1995, p. 115. Tradução nossa.).

A partir desse breve comentário sobre o enredo de “O Mistério de Marie Rogêt”, ficam já de saída evidenciados alguns problemas que se impõem para a sua interpretação. O primeiro deles é sobre a própria forma do conto de detetive, que havia surgido recentemente em um conto anterior do mesmo escritor, “Os Assassinos na Rua Morgue”. O esforço do conto de detetive, em certo nível de leitura, é a busca de estabelecer relações entre evidências que aparentemente não se relacionam, a fim de encontrar a solução para um mistério, que em ambos os contos é semelhante: a identidade de um assassino. Conforme já mencionamos, em “O Mistério de Marie Rogêt” a solução do mistério, a identidade do assassino, não é revelada

— transgressão formal que é bastante significativa, se considerarmos que um efeito importante construído nesse conto é a tensão em torno de tal questão.

Outras transformações realizadas na forma do conto de detetive se constituem em mais pontos importantes para a interpretação de “O Mistério de Marie Rogêt”. No primeiro conto de detetive de Poe, “Os Assassinos na Rua Morgue”, o raciocínio de Dupin, que mistura método e intuição, o leva a elaborar uma hipótese inesperada — a de que o assassino era um orangotango. Ainda que surpreendente, tal hipótese se confirma no momento da apresentação da solução do mistério, o que prova a eficácia do raciocínio de Dupin e dá sentido e nexos a todas as evidências que ele levanta. Ou seja, embora seu processo investigativo o leve a suposições que parecem absurdas ou improváveis, a solução concilia as evidências apontadas e lhes dá sentido, resolvendo qualquer caráter contraditório que o processo de investigação pudesse ter. No entanto, em “O Mistério de Marie Rogêt”, o raciocínio do detetive culmina com o levantamento de hipóteses cujo caráter contraditório chama a atenção, e contribui muito para isso o fato de que a solução do mistério, que poderia apaziguar tais contradições, não é apresentada.

A fim de orientar a análise, vamos focar a partir daqui em dois aspectos centrais, cuja relação contribui essencialmente para a construção das contradições da narrativa: a leitura crítica dos jornais feita pelo detetive e sua própria reflexão sobre hipotéticas explicações para o crime.

Quando Dupin aceita a tarefa de ajudar a polícia a solucionar o caso, pede ao amigo que pesquise o que foi publicado sobre o crime nos jornais da cidade. Uma longa parte do conto é ocupada pela apresentação de trechos de diversos artigos, e dos comentários críticos feitos por Dupin após sua leitura, em conversa com o amigo. Nesses comentários, o detetive evidencia problemas que identificou na argumentação dos diversos diários, que se esforçavam não apenas para divulgar informações sobre o crime mas, acima de tudo, para elaborar hipóteses de explicação para o ocorrido — Dupin chega a comentar a total falta de empenho de qualquer um desses jornais em retratar o crime de forma imparcial. Observemos alguns dos principais problemas que ele encontra nas teses apresentadas pelos periódicos.

O jornal *L'Étoile* defende a tese de que o corpo que foi encontrado boiando no rio Sena e identificado como sendo de Marie na verdade não era dela; segundo o jornal, um corpo jogado na água afundaria, e só viria à superfície no mínimo seis dias depois; tendo sido encontrado apenas três dias depois do sumiço de Marie, aquele corpo, portanto, não poderia

ser dela. Dupin afirma que o argumento do jornal é falacioso, uma vez que nada prova que um cadáver precise de tantos dias para emergir e, por isso, o cadáver encontrado poderia perfeitamente ser o da vítima.

O jornal *Le Moniteur*, ao tentar enfraquecer o argumento do *L'Étoile*, descreveu casos de corpos que foram jogados na água e emergiram em menos tempo do que o apontado por aquele jornal. Embora vá na direção do que defende o detetive, ele considera essa argumentação absolutamente ineficaz, já que apenas apresenta casos que podem constituir meras exceções à regra defendida pelo *L'Étoile*; ou seja, não apresenta nada que de fato derrube a hipótese daquele jornal.

Dupin aponta mais uma falácia no artigo do *L'Étoile*: para apoiar a própria argumentação, o jornal teria adulterado o conteúdo da fala do homem que identificou o corpo encontrado no rio. Segundo o jornal, M. Beauvais teria reconhecido o corpo com base em sua observação de que havia cabelo nos braços da vítima — o que seria uma evidência muito fraca. O que Dupin afirma sobre isso é que provavelmente M. Beauvais referiu-se a alguma peculiaridade desse cabelo: a cor, a quantidade, a forma, enfim, algo que caracterizasse aquele como o braço de Marie. E o jornal teria adulterado sua fala, simplificando-a, para parecer que o reconhecimento do cadáver poderia ser questionado.

Esse mesmo jornal afirma que os objetos e demais características em que se baseou Beauvais para identificar o corpo (roupa, sapato, flores no chapéu) são gerais demais, e por isso não são evidências suficientemente confiáveis. Contra isso, Dupin afirma que não é a presença de cada objeto individualmente que permitiu seu reconhecimento como sendo seguramente de Marie, mas a presença de todos ao mesmo tempo, o que os torna evidências suficientes.

O jornal *Le Commercial* afirma que teria sido impossível uma pessoa tão conhecida como Marie andar mais do que três quadras sem ser reconhecida por alguém, no dia do seu desaparecimento. Contra essa hipótese, Dupin argumenta que Marie poderia perfeitamente caminhar pela cidade sem encontrar nenhum conhecido; para ele, a falha do editor desse periódico foi basear-se na suposição equivocada de que os caminhos e a rotina de Marie seriam tão regulares quanto os seus próprios e a quantidade de pessoas que a conheciam tão grande quanto a de pessoas que o conheciam.

Quando Dupin lê os jornais, ele faz uma observação bastante enfática para apresentar suas conclusões sobre eles: “Devemos ter em mente que, de modo geral, o objetivo de nossos

jornais é antes criar uma sensação — vender seu peixe — que promover a causa da verdade”⁵ (POE, 2012, p. 354). Ele ainda complementa dizendo que a ideia de criar uma sensação tem a ver com o objetivo final dos jornais, que é o de atrair mais leitores.

Nessas palavras de Dupin, o que se pode ler é um diagnóstico acerca da impossibilidade de narrar, a qual é devida a uma transformação na experiência. Esse é o fenômeno identificado por Walter Benjamin como “atrofia da experiência” (BENJAMIN, 2000a, p. 107), que se manifesta na transformação ao longo da História da forma de comunicação predominante: a substituição da narração pela informação e desta pela sensação. O que acontece na passagem de uma para a outra é um processo de gradual diminuição da relação entre o narrador e o fato narrado, o qual cada vez menos se integra à experiência de quem o conta. O acontecimento cada vez menos pertence à experiência do narrador. Segundo Benjamin,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, 2000b, p. 204).

A falta de integração entre o fato narrado e a experiência do narrador leva a uma atrofia da própria narrativa, que se transforma em algo muito mais fugaz, que é a notícia; em “O Mistério de Marie Rogêt”, além disso, a notícia vem mais em função de criar uma sensação que pudesse manter os leitores interessados no caso do que propriamente de informar as pessoas. Isso explicaria, ao menos em parte, a quantidade de problemas na argumentação dos periódicos, a linguagem sensacionalista empregada e também o seu grande esforço em elaborar hipóteses mirabolantes que pudessem estimular a curiosidade popular.

Esse mesmo fato também tem impacto, como se pode esperar, na caracterização do tipo de experiência do próprio detetive. Ele não se envolve na investigação para além do seu contato com os jornais. Ele não dá ouvidos ao chefe de polícia quando este o visita para pedir seu auxílio no caso, não interroga nenhuma testemunha e sequer visita a cena do crime — é interessante notar que em “Os Assassinos na Rua Morgue” Dupin vai ao local dos assassinatos, e tal visita é crucial para o seu desvendamento do mistério. Essa diferença entre os modos de investigação em cada conto por si só já é índice de uma atrofia da experiência do

⁵ No original: “We should bear in mind that, in general, it is the object of our newspapers rather to create a sensation — to make a point — than to further the cause of truth” (POE, 1985b, p. 321).

próprio detetive, já observável na comparação de um conto com o outro, o que marca profundamente sua caracterização como personagem da modernidade, provavelmente tão incapaz de atribuir sentido à sua realidade fragmentada quanto qualquer outro personagem do conto, ou quanto qualquer homem que vivesse aquelas mesmas condições históricas. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

O esforço do detetive ao analisar os artigos dos periódicos, conforme tentamos apontar, foi evidenciar as teses que eles defendiam e indicar o ponto fraco da argumentação de cada um deles. A principal causa dessa falta de acuidade dos artigos dos jornais seria a sua intenção de criar sensações, mais do que de descrever a realidade de forma imparcial. Após o levantamento e a avaliação do que tem sido discutido sobre o crime, Dupin parte para a elaboração de suas próprias hipóteses. Vejamos as principais ideias discutidas pelo personagem e o raciocínio que o levou a elas.

Dupin defende a tese de que o corpo encontrado no rio era de fato o de Marie, ao contrário do que afirma o jornal *L'Étoile*. Seu interesse na defesa dessa tese tem uma motivação especialmente significativa: segundo ele, se esse corpo não for o de Marie, e ela ainda estiver viva — como o periódico afirma que ela pode estar —, Dupin perderia seu trabalho, pelo qual o chefe de polícia G. Ihe havia prometido um tipo de recompensa — o qual não é revelado para o leitor. No conto, o personagem diz: “Logo, em nosso proveito, se não em proveito da justiça, é indispensável que nosso primeiro passo seja a determinação da identidade do cadáver como sendo o da desaparecida Marie Rogêt.”⁶ (POE, 2012, p. 354).

Conforme já mencionamos, a tese do *L'Étoile* é que o corpo encontrado não é o de Marie porque, caso ele realmente tivesse sido jogado no rio, ainda estaria submerso, pois não se haviam passado dias suficientes para que ele emergisse. Com isso, o jornal propõe que Marie pode ainda estar viva, apenas escondida ou desaparecida. Para atacar essa tese, o detetive discute o tempo necessário para o corpo boiar, e afirma que isso poderia ter acontecido a qualquer momento após ter sido jogado na água, pois, segundo Dupin, ele nem sequer afundaria.

Sobre o envolvimento de M. Beauvais — o personagem que identificara o cadáver como sendo o de Marie — na investigação da polícia, Dupin também tem hipóteses

⁶ No original: “For our own purpose, therefore, if not for the purpose of justice, it is indispensable that our first step should be the determination of the identity of the corpse with the Marie Rogêt who is missing” (POE, 1985b, p. 321).

interessantes. O detetive supõe, enfaticamente, que M. Beauvais tinha interesse em Marie e que ela lhe dera esperanças. Por isso, e também devido à sua grande sentimentalidade, ele poderia ter tido algum comportamento que levou o jornal a suspeitar dele.

Baseado na leitura da notícia de um jornal que afirma que Marie já havia desaparecido uma vez, anos antes, e que se sabia que, naquela ocasião, ela havia fugido com um oficial da marinha e retornado para casa uma semana depois, Dupin supõe que a vítima teria mais uma vez fugido com um homem, provavelmente com o mesmo. Para Dupin, essa hipótese é plausível pelo simples fato de já ter acontecido antes.

Ao discutir a possível cena do crime, o detetive se esforça para provar duas ideias: que os objetos encontrados só foram jogados lá *a posteriori*, não tendo sido deixados acidentalmente após o crime; e que este crime só poderia ter sido cometido por uma pessoa sozinha, e não por uma gangue. Ele afirma que o trapo amarrado ao cadáver necessariamente fora usado como uma alça, porque o peso do corpo era demais para o assassino e ele precisaria arrastá-lo. Só não fica claro o motivo pelo qual ele supôs que Marie seria tão pesada assim para o assassino.

Uma testemunha, chamada Madame Deluc, declarou ter visto em seu estabelecimento — próximo à margem do rio onde foi encontrado o cadáver — uma jovem moça acompanhada de um rapaz de pele escura e que, após a saída desse casal, uma gangue teria ido até lá, bebido, comido, e saído sem pagar. Um tempo depois, ela teria ouvido um grito de mulher e, em seguida, teria visto aquela mesma gangue passando, às pressas, para atravessar o rio. Dupin considera que a pressa da gangue descrita por Mme. Deluc não tem nada a ver com a morte de Marie, tendo sido apenas coincidência. Essa senhora também reconheceu os objetos encontrados na suposta cena do crime como os da moça que tinha estado em seu estabelecimento.

Sobre a forma como o corpo teria sido jogado no rio, Dupin defende que, “naturalmente”, Marie fora jogada de um barco no rio.

A conclusão do conto é construída em torno de um comentário aparentemente sem propósito sobre o Cálculo das Probabilidades e o jogo de dados. O texto diz:

Nada, por exemplo, é mais difícil do que convencer o leitor meramente comum que o fato de que o seis tenha sido duas vezes lançado em sucessão por um jogador de dados é causa suficiente para apostar com maior probabilidade que o seis não será lançado na terceira tentativa. [...] Parece impossível que os dois lances que foram efetuados, e que residem

absolutamente no Passado, possam ter influência sobre o lance que reside unicamente no Futuro.⁷ (POE, 2012, p. 389).

Uma leitura atenta desta breve exposição das principais hipóteses levantadas por Dupin e do raciocínio que o levou à maior parte delas permite ver uma quantidade razoável de problemas em sua argumentação. O trabalho do detetive, ao longo de boa parte do conto, consiste em ler notícias dos jornais sobre o assassinato de Marie Rogêt e apontar contradições, falácias e demais pontos fracos na argumentação dos diversos artigos divulgados pela imprensa. No entanto, a partir do momento em que Dupin começa a apresentar suas próprias hipóteses sobre o que teria acontecido no dia do crime e sobre que caminhos a investigação deveria seguir, sua argumentação similarmente se desenvolve com base em uma quantidade notável de contradições e falácias, em que ele faz uso de sua intuição, travestida de método, a fim de apontar as suposições que irão orientar sua própria investigação do caso. Suas hipóteses podem ser questionadas de diversas formas: o que garante que Marie, por ter fugido com um homem uma vez, teria feito o mesmo dessa vez? Por que o assassino (ou assassinos) teria necessariamente precisado de uma alça para puxar o cadáver até o rio, em vez de carregá-lo nos braços? Com base em quê Dupin afirma que cadáveres jogados na água não afundam? Por que ele acha que Marie necessariamente teria sido jogada no rio de um barco? Por que ela não poderia ter sido deixada na margem do rio e arrastada pela correnteza? E por que o seis não pode ser lançado uma terceira vez consecutiva (e não simultânea) no dado? Como podem os lances que aconteceram no passado ter alguma influência no lance que acontecerá no futuro? Essas são apenas algumas das questões que se podem levantar contra as hipóteses do detetive.

O fato de que Dupin declara que vai seguir uma linha de raciocínio que parte de uma hipótese que lhe favorece materialmente, conforme ele afirma em trecho citado anteriormente, complica ainda mais o seu papel no conto. Com essa afirmação feita logo no início de seus comentários sobre os textos dos jornais, o detetive insinua que poderá forçar uma leitura das evidências levantadas para que elas sirvam à defesa de sua tese, o que já de saída dá um alerta

⁷ No original: “Nothing, for example, is more difficult than to convince the merely general reader that the fact of sixes having been thrown twice in succession by a player at dice, is sufficient cause for betting the largest odds that sixes will not be thrown in the third attempt. [...] It does not appear that the two throws which have been completed, and which lie absolutely in the Past, can have influence upon the throw which exists only in the Future.” (POE, 1985b, p. 344)

sobre o fato de que sua argumentação, a partir de seus mínimos pressupostos, é passível de ser questionada.

Esse fato fica mais complexo quando, no fechamento do conto, em um breve comentário supostamente escrito pelos editores da revista em que é publicado, a narrativa da investigação é interrompida e o leitor é apenas informado de que o caso foi resolvido e a polícia cumpriu o acordo que havia sido feito com Dupin — sem chegar a revelar o nome do culpado com que tal investigação teria culminado. Soma-se a tudo isso a afirmação do narrador na conclusão do conto, em que ele diz que seu objetivo teria sido apenas falar sobre coincidências, seguida de seus comentários bastante equivocados sobre o jogo de dados que vimos acima.

O que se observa nessas contradições é uma inesperada quebra no rigor do procedimento do detetive que de forma muito significativa implica em uma quebra no rigor formal do próprio conto, o que tem impacto na definição da forma do conto de detetive, ainda tão recente na época, e no significado dessa narrativa. A relação dialética entre o rigor formal exigido pelo gênero e preconizado pelo próprio escritor e a quebra de rigor dentro da narrativa revela o conteúdo sócio-histórico sedimentado nessa obra específica, e levanta questões importantes sobre a possibilidade de figuração do enigma social dentro da forma literária — o que é bastante significativo quando se fala de um tipo de narrativa cuja preocupação central é justamente com o esclarecimento de uma questão inquietante relacionada às transformações sociais geradas pela urbanidade e ao crescimento da ameaça à vida nesse então novo e desconhecido ambiente.

Em “O Mistério de Marie Rogêt”, é possível concluir que o detetive, personagem que tem o objetivo de atribuir sentido à realidade fragmentada e misteriosa — o que ele alcança no primeiro conto em que o personagem aparece —, só consegue fazê-lo nesse segundo conto forjando hipóteses que não são necessariamente corretas e não se provam sê-lo, uma vez que a solução não é apresentada. O erro que ele aponta no trabalho investigativo da polícia e nos relatos dos jornais ele mesmo também comete e ainda, de certa forma, com um tipo de interesse bastante semelhante, que é o de obter algum tipo de vantagem, seja ela financeira ou de visibilidade.

É possível afirmar que, com isso, aquilo que o conto parece figurar é a impossibilidade de lidar com o mistério por meio de ideias que não incorram elas mesmas em incoerências. Os obstáculos que se colocam diante de quem se propõe a tarefa de explicar a realidade são de

diversas ordens: interesse material, acesso precário às informações, a atrofia da experiência e ainda o apagamento da identidade do indivíduo misturado à multidão da cidade grande — este último sendo uma característica fundamental das condições históricas de surgimento do gênero segundo Walter Benjamin (2000a, p. 41). Dessa forma, o que o conto “O Mistério de Marie Rogêt” faz é reiterar a ininteligibilidade de um mistério central: o desconhecimento da própria realidade, ou seja, o mistério causado pela falta de compreensão sobre a sociedade e a História, no contexto específico do avanço do capitalismo e de suas consequências, como a urbanidade, a multidão, o individualismo, a crescente alienação do homem diante de seu trabalho e de toda a realidade à sua volta. As seguintes palavras de Srebnick dão bem a medida do desafio que se coloca ao detetive:

Mas enquanto Dupin pode resolver o crime, ele meramente dá a ilusão de resolver os enigmas mais complexos da vida urbana aplicando o que é apenas um verniz de ordem a um mundo desordenada e distintamente urbano. As mais profundas questões espirituais da providência, da vida e da morte estão para além dele. (SREBNICK, 1995, p. 119. Tradução nossa.).

O significado de “O Mistério de Marie Rogêt”, ou seu teor de verdade, para usarmos a terminologia de Theodor Adorno, é intrinsecamente ligado ao seu questionamento sobre as reais possibilidades da busca de sentido na sociedade moderna. O segundo conto de detetive de Edgar Allan Poe evidencia, mais do que o primeiro, as contradições intrínsecas à própria proposta da narrativa. Elucidar um mistério no interior de uma sociedade em que tanto a cidade quanto os bosques em volta dela se constituem como ambientes perigosos e inóspitos, em que os jornais produzem mais sensações do que informações e em que não se tem acesso ao todo dos processos de produção de sentido — todas essas circunstâncias retratadas nesse conto e de bastante relevância para a sua forma — não parece ser uma tarefa possível.

Considerações finais

Nesse mundo em que o fato narrado não pertence à experiência do narrador, ou seja, em que não há uma relação intrínseca entre quem narra e o que é narrado, a verdade não pode ser abarcada em sua totalidade. Em “O Mistério de Marie Rogêt”, a única forma pela qual o detetive parece encontrar uma possibilidade de devolver a ordem à realidade fragmentada e

sem sentido é forçando a criação desse sentido, levantando hipóteses que não se sustentam. O fato de a solução não ser apresentada enfatiza ainda mais esse processo de forjar explicações, uma vez que tal solução poderia conciliar discordâncias estabelecendo nexos entre as evidências. Sem a solução, tais evidências permanecem soltas, desconexas, e as hipóteses do detetive, sem solidez. Além disso, seu esforço em estabelecer tal ordem não é justificado, no conto, pelo desejo de justiça, pois este não é declarado pelo personagem como hierarquicamente superior ao seu interesse material. É de outra natureza o interesse desse detetive na investigação.

Conforme procuramos indicar neste artigo ao comentar algumas diferenças importantes entre “Os Assassinos na Rua Morgue” e “O Mistério de Marie Rogêt”, as diferenças formais entre os contos indicam transformações no gênero que dão respostas diferentes e interessantíssimas às contradições sócio-históricas que figuram, e é bastante relevante pensar o que significam tais transformações e de que maneira elas configuram tais respostas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas vol. III. Trad. Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000a.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2000b.
- POE, Edgar Allan. O Mistério de Marie Rogêt. In: *Contos de imaginação e mistério*. Trad. Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012, p. 339-389.
- POE, Edgar Allan. *Essays and Reviews*. Organizado por G. R. Thompson. New York: Library of America, 1985a.
- POE, Edgar Allan. The Mystery of Marie Rogêt. In: *Selected Works*. New York: Gramercy Books, 1985b, p. 311-344.
- SREBNICK, A. G. *The mysterious death of Mary Rogers: sex and culture in nineteenth-century New York*. New York: Oxford University Press, 1995.

Artigo recebido em fevereiro de 2014.
Artigo aceito em abril de 2014.